

AS RELAÇÕES DE GÊNERO QUE PERMEIAM MENINOS E MENINAS NAS PRÁTICAS DO FUTEBOL.

Júlio César Mendes Fontes
Licenciado Educação Física/ UFMG.

RESUMO

Com base em uma metodologia de inspiração etnográfica realizada durante quatro meses numa escola pública na cidade de Belo Horizonte, este estudo procurou entender como as relações de gênero eram (re) produzidas por meninos e meninas nas práticas de futebol nas aulas de Educação Física. Os dados observados mostram que nos meandros das práticas desse esporte, as articulações, apropriações, formas de participação dos atores envolvidos ocorrem num movimento de tensão, conflito, de um gênero sobre o outro.

Palavras-chave: Futebol, gênero, Educação Física.

ABSTRACT

Trough an ethnographical inspired methodology, this study tried to understand how the gender relationships were (re)produced by boys and girls in the soccer practices in Physical Education classes in the public school in Belo Horizonte city. The data show that in the meander of the soccer practices, the joints, appropriations, participation forms of the involved actors occur in tension and conflict movement.

Key-words: Soccer, gender, Physical Education.

RESUMEN

Por medio de una de metodologia de inspiración etnográfica hecha cuatro meses en una escuela pública de Belo Horizonte, este trabajo busca comprender cómo las relaciones de género producidas y re-producidas por niños y niñas en las praticas del fútbol en las clases de Educacion Física. Os dados observados muestran que en los "meandros" de la practica de ese desporte, las articulaciones, apropiaciones, forma de participación de los actores envoídos acontece en un movimiento tensión, conflicto, de un género sobre lo otro.

Palabras-clave: Fútbol, genero, Educacion Física.

INTRODUÇÃO.

Este estudo é um desdobramento de um projeto de pesquisa desenvolvido no núcleo da REDE CEDES/UFMG¹, que resultou na minha monografia de graduação. O objetivo desta pesquisa era compreender como eram (re) produzidas as relações de gênero nas práticas cotidianas do futebol no tempo/espaço das aulas de Educação Física no ambiente

¹ A REDE CEDES é uma parceria entre o Ministério do Esporte e a EEEFTO/UFMG. O núcleo UFMG contempla 05 projetos de trabalhos que se subdivide em outros vários subprojetos. Sob orientação da professora Eliene Lopes Faria participo da pesquisa “Juventude, Cidade e Esporte: uma produção do futebol na cidade”. Este estudo discute como são realizadas as produções cotidianas do futebol no espaço da cidade. Na tentativa de desvelar as articulações, usos, significações, processos educativos, apropriações e as formas de participação nos diferentes contextos da cena urbana tendo como protagonistas destas ações os jovens, por apresentarem-se como sujeitos de maior acesso desta produção, nas suas inúmeras possibilidades de interação com esta manifestação cultural. Além disso, busca-se investigar que formas de relações sociais o futebol sustenta e é sustentado e como os jovens se apropriam da cidade na produção cotidiana do futebol (FARIA, MELO e FONTES, 2006).

escolar, através das articulações, apropriações e formas de participação que os sujeitos envolvidos nas praticas possibilitavam.

O futebol, engendrado no Brasil no final do século XIX, oriundo da Inglaterra encontrou no contexto brasileiro um ambiente amplo para as suas manifestações. Ao longo do processo histórico, desde a sua chegada até os dias atuais, o futebol passou por intensos processos de apropriação e popularização na sociedade brasileira que o tornou esporte mais discutido, comentado e praticado no país.

Daolio (2000) retrata esta popularização através de explicações biológicas (aspectos genéticos) e funcionalistas (facilidade da prática.). No entanto, o autor refuta tais argumentações dizendo que estas situações não garantiriam a popularidade do futebol na cultura brasileira.

Para entender o futebol brasileiro numa perspectiva sócio-cultural, inspiro nas idéias de DaMatta (1994), para dizer que este esporte possui características de multivocalidade, ou seja, “uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista”. E mais, “orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares” (p. 12). Além de ser um instrumento no qual possibilita a sociedade brasileira expressar suas mais variadas formas de manifestações (DAMATTA, 1994).

Assim, o futebol encontrou no Brasil uma cultura capaz de legitimá-lo e acima de tudo torná-lo um dos bens mais valiosos da sociedade brasileira com suas contradições e riquezas (DAOLIO, 2005). Portanto, o futebol, concebido numa dimensão sócio-cultural produzido por uma sociedade em suas diferentes características, compreender sobre o conceito de cultura na qual as manifestações das práticas do futebol se inserem tornou-se necessário.

A noção de cultura é entendida como produção simbólica,² dinâmica, parte da prática social que tem nos significados o elemento central e que tais significados não são estáticos e homogêneos, tratado como elemento “semiótico” em sistemas entrelaçados de signos interpretáveis. Para Sahlins (1997, p. 47) “as pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados”³. E ainda, a cultura não pode ser abandonada, pois “deixaria de compreender o fenômeno único que nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humana por meios simbólicos”.

Neste complexo que a cultura é compreendida, o futebol manifesta-se num contexto simbólico caracterizado por sentidos, valores e normas construídos historicamente para ser de domínio de apenas um gênero, o masculino.⁴

Moura (2005) discute o futebol como área reservada masculina entendendo como processa a construção dos papéis sociais de homens e mulheres nas interações das práticas do futebol. Para os homens, o futebol organizou-se na principal experiência de validação da masculinidade. E, às mulheres, coube o papel de auxiliar os homens, torcendo em função de laços sociais próximos e gerando condições favoráveis para que estes homens desfrutem do futebol.

² Segundo palestra proferida pela professora Ana Maria Rabelo Gomes no núcleo da Rede Cedes EEEFTO/UFMG em junho de 2006. Ela apóia nos conceitos de Geertz e Sahlins, autores clássicos da antropologia, para conceituar cultura enquanto dimensão simbólica da realidade.

³ Citado por Faria, Melo e Fontes (2006, p 285)

⁴ De acordo com as concepções de Scott (1995), gênero é uma construção social que uma determinada cultura estabelece para homens e mulheres sendo que “as relações sociais são baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder” (p. 89). O gênero, portanto, fornece “um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre varias formas de interação humana” (p. 89).

Para as mulheres praticarem o futebol é quase que tem de haver uma autorização especial masculina para a realização da prática (GOLLNER, 2000), pois os argumentos para a não prática do futebol pelas mulheres, vinculados e veiculados cotidianamente, consideram-no um esporte violento e por requerer um nível de preparação física e técnica pode ferir o corpo feminino implicando na saúde reprodutiva, na maternidade, nos aspectos estéticos, padrões de beleza e feminilidade.

As relações de gênero, como aprendizagem social⁵, adentram o campo do conhecimento, Educação Física, no espaço escolar. Neste tempo/espaço, portanto, assumem um papel de importância encarando os conflitos e tensões que ocorrem como um campo de intervenção no/para o conhecimento das aprendizagens das praticas sociais.

METODOLOGIA

Essa pesquisa foi realizada a partir de uma inspiração na abordagem etnográfica, utilizado como instrumento metodológico a observação. Este método propõe como recurso uma orientação do olhar investigativo para “os símbolos, as interpretações, as crenças e valores que integram a vertente cultural (ou, dado que a cultura não existe no vazio social, talvez seja mais apropriado dizer vertente sociocultural) das dinâmicas da ação” que ocorrem nos contextos (não apenas, mas também) escolares (SARMENTO, 2003, p. 153).

O estudo teve como campo de investigação uma escola pública na cidade de Belo Horizonte, em que a prática do futebol fosse parte do cotidiano das aulas de Educação Física da escola. A coleta de dados foi realizada uma vez por semana durante o período de abril a julho de 2006.

Neste contexto da produção do futebol (o ambiente escolar), optei por investigar os jovens e suas práticas de futebol, por serem estes protagonistas de maiores acesso e possibilidades de produções das práticas deste esporte. Entendendo os jovens como sujeitos sócio-culturais em que, o futebol é uma prática identificável para os estes atores no qual se constroem através de um projeto coletivo e individual suas identidades enquanto indivíduos pertencentes aquela prática, transformando este espaço em ambiente de aprendizagem.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS DO FUTEBOL.

Por uma questão de organização da estrutura do texto, dividi as práticas do futebol realizadas pelos atores do contexto observado da seguinte maneira: o jogo dos meninos, o jogo das meninas e as relações que ocorrem quando meninos e meninas praticam juntos o futebol. Nesta formatação observavam-se singularidades e semelhanças para os grupos analisados.

O futebol era o conteúdo em destaque nas aulas de Educação Física na escola pesquisada. Neste tempo/espaço em que meninos e meninas participavam, em suas diferentes formas, das práticas do futebol, as relações entre os sujeitos revelaram os usos, espaços, articulações, discursos dominantes que um gênero realizava, através de uma construção sócio-cultural, sobre o outro.

Os espaços para a realização do futebol eram apropriados mais pelos meninos que pelas meninas. No espaço dos jogos, perto das traves, fora da grade que delimita a quadra, o pátio próximo, ficavam eles. Elas, ao chegar ao local de realização das aulas de Educação Física, ocupavam a quadra que ficava próximo ao muro que delimita a escola. Estes dados corroboram com o estudo de Altmann (2002) mostrando que meninos ocupavam espaços mais amplos que meninas nas aulas de Educação Física por meio do esporte e, principalmente, do futebol.

⁵ Entende-se por aprendizagem social: o conhecer, o tornar-se consciente das normas sociais e, se necessário, o saber e o poder de modificá-las. (BRACHT, 1992 p. 80)

Nas dinâmicas dos jogos, o toque de bola realizado pelos meninos mais habilidosos se dava entre eles. Estes excluía os menos habilidosos e as meninas. Articulavam-se, no sentido de impossibilitar o domínio da posse de bola pelos colegas⁶.

Neste sentido, havia meninos que posicionavam contra a participação dos meninos e meninas descritos acima nos jogos. Este é um dado que Damo (2006) problematiza refletindo que esta em jogo no futebol dos meninos é basicamente a honra pessoal, a coragem, a virilidade.

Os papéis desempenhados pelos atores eram determinantes no aprendizado de ser masculino no grupo pesquisado. Para aqueles que porventura não se orientassem à ordem do coletivo, seriam renegados, subjugados como inferiores⁷. O que se percebia nos discursos, era um caráter simbólico de poder utilizado pelos atores daquelas práticas. Ao referirem-se aos “*guelas*”, “*aos desfiles de mocinhas*” e aos meninos que não jogam sem camisa como meninas, como situações impróprias, construídas socialmente pelo grupo, para as práticas do futebol pelos meninos no grupo observado.

CONCLUSÃO

As representações simbólicas caracterizadas/construídas por uma determinada cultura é um processo de aprendizagem que pode ser (re) construído por seus atores nos contextos de interação. A Educação Física, disciplina escolar, tendo como um dos seus conteúdos de maior representatividade o futebol, e por dialogar com outras instâncias e instituições sociais transporta para o seu meio as tensões/conflitos, as relações de poder, os significados, os valores e normas que os sujeitos aprendem no conjunto sociocultural em que vivem. Neste sentido, as relações de gênero existentes nas práticas de futebol são possibilidades de construção de novas formas de olhar os indivíduos, ou seja, vivenciar um processo de formação, de conhecimento sobre si e sobre os corpos nas suas diferenças e nas suas semelhanças enquanto ser humano.

E, acentuar as diferenças que são construídas cotidianamente a respeito da não, ou da pouca, participação de um ou outro sexo nas práticas corporais e esportivas, especificamente as práticas do futebol, faz com que as hierarquias sejam reproduzidas por nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. Meninas e meninos jogando futebol. *Verso e Reverso*, São Leopoldo - RS, v. XVI, n. 34, p. 89-100, 2002.
- BRACHT, Valter. Educação Física e Aprendizagem Social. PORTO ALEGRE: MAGISTER, 1992. 122 p.
- DAMATTA, R. Antropologia do obvio. *Revista USP*. São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun/ago 1994.
- DAMO, A. S. As dramatizações do gênero numa configuração futebolística. In: Anais do VII Seminário Fazendo Gênero, UFSC, 2006.
- DAOLIO, J. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, J. Futebol, Cultura e Sociedade. ED. Autores Associados, São Paulo. 2005 152p.

⁶ Também problematizado no estudo de Dorneles e Molina Neto (2003).

⁷ Nunes (2006), ao estudar a influência do grupo sobre o indivíduo nas práticas das artes marciais. Refere que o indivíduo ao não possuir determinadas características físicas e de comportamento construídas (tais como, virilidade, força, músculos esculpido para a realização das práticas), os olhares para este sujeito seria de repúdio, estranheza, resistência, pois “homem” não seria capaz de honrar seu corpo e o grupo a que pertence.

- ____ As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, P. C. R. *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro, DP& A, 2000, p. 79-93.
- DORNELLES, P.G.; MOLINA NETO, Vicente. O Ensino do Futebol na Escola: a perspectiva das estudantes com experiências positivas nas aulas de Educação Física em turmas de 5a. à 7a. séries. In: Elenor Kunz. (Org.). *Didática da Educação Física 3: futebol*. Ijuí: Unijuí, 2003, v., p. 89-132.
- FARIA, E. L.; MELO, A. F. M. & FONTES, J. C. M. Juventude, cidade e esporte: um estudo sobre a produção do Futebol na cidade. In: VII “O Lazer em Debate” 2006, Belo Horizonte. Coletânea do VII “O Lazer em Debate”, Belo Horizonte UFMG, 2006, v.7 p.285-292.
- GOELLNER, S. V. Pode a mulher praticar futebol? In: CARRANO, P. C. R. *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro, DP& A, 2000, p. 79-93.
- MOURA, E. J. L. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. *Futebol, Cultura e Sociedade*. ED. Autores Associados, São Paulo. 2005 p. 142-160
- NUNES, C. R. F. Entre as cordas do ringue: construções de masculinidades na pratica das artes marciais combinadas. In: *Anais do VII Seminário Fazendo Gênero*, UFSC, 2006.
- SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N e cols. *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da Educação*. RJ, DPeA, p. 137-182, 2003.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e Realidade*, V.20(2), 1995

Endereço:
Rua Lorena 711 Padre Eustáquio
Belo Horizonte – MG 30730170
jcmfonte@yahoo.com.br.